

Trabalho, um caminho para a liberdade

Autores

Natanael Pereira de Araujo Junior

1. Introdução

I – Introdução

No mês de abril de 1886, as escravas Joana, Rita e Justina, residentes na cidade de Piracicaba, endereçaram ao juiz municipal petições nas quais solicitavam suas liberdades através da indenização de seus senhores. Para tanto, cada uma delas exibiu uma quantia em dinheiro: 600 mil réis, a primeira, 675 as duas outras, valores que correspondiam ao preço delas, segundo uma tabela de preços de escravos definida pela lei de 28 de setembro de 1885, mais conhecida como Lei dos Sexagenários.. O processo durou poucos dias e, no mesmo mês as três já tinham recebido a carta de alforria.

Os processos judiciais movidos por Joana, Rita e Justina eram chamados Ações de Liberdade. Por meio deles, os escravos, representados por curadores, reivindicavam na Justiça a alforria, demandando contra seus senhores. Vários processos deste tipo estão sob a guarda da UNIMEP e compõem o acervo do judiciário do arquivo histórico do Centro Cultural Martha Watts, estando disponíveis para consulta de pesquisadores. Eles foram pesquisados pelos alunos do curso de História que realizaram trabalhos de conclusão de curso em 2005 no projeto "Senhores e Escravos na Justiça", orientado pela profª drª Joseli Maria Nunes Mendonça.

Tais processos guardam relação com a legislação que vigorou a partir de 1871 e que definia várias condições sob as quais os escravos podiam mover uma Ação de Liberdade contra seus senhores. De acordo com a lei, um escravo podia demandar a alforria na Justiça argumentando, entre outras coisas, que havia sido ilegalmente escravizado, como no caso daqueles nascidos depois de 1871.

Os escravos de Piracicaba, entretanto, como Rita, Justina e Joana, buscaram a Justiça amparados pela exibição do pecúlio, possibilidade também estabelecida formalmente pela Lei de 1871 (Lei do Ventre Livre). Esta lei reconheceu o direito de os escravos constituírem o pecúlio – uma espécie de poupança em - e obrigou os senhores a alforriar todos aqueles que pudessem comprar a alforria.

Como mostraram Sidney Chalhoub, Joseli Maria Nunes Mendonça e Keila Grinberg, a prática de os escravos constituírem uma poupança e com ela comprarem sua liberdade era bastante comum nos anos 1870 e 1880 em localidades como o Rio de Janeiro e Campinas. Mesmo em período anterior, como indica Manuela Carneiro da Cunha, era tão comum os escravos comprarem a alforria com suas economias que muitos pensavam ser ela uma prescrição legal, embora somente com a lei de 1871 a tenha estabelecido como tal.

Ao iniciar a pesquisa empírica com as Ações de Liberdade, eu espantei-me com a possibilidade de os escravos adquirirem recursos financeiros, o que não me parecia compatível com o trabalho realizado por escravos que era, por definição, não remunerado. Resolvi então consultar outras fontes documentais para investigar os meios que os escravos utilizavam para formar o pecúlio e comprar a tão desejada liberdade. Avançando na pesquisa junto às fontes primárias e estudando a historiografia sobre o tema, as questões que coloquei sobre a possibilidade de poupança dos escravos desdobraram-se em outras e eu passei a investigar as ocupações dos escravos na cidade de Piracicaba, nos últimos anos de existência do regime escravista.

Este trabalho, mesmo sendo ainda bastante inicial, permite ampliar os conhecimentos sobre a história da escravidão e a experiência histórica de seus agentes de trabalho na cidade de Piracicaba.

2. Objetivos

Meu objetivo, com o trabalho realizado, foi o de investigar as ocupações dos escravos da cidade de Piracicaba para verificar se as tarefas por eles desempenhadas poderia ser uma forma de poderem acumular pecúlio com o qual pudessem comprar sua alforria.

3. Desenvolvimento

Para atingir este objetivo, extraí dados dos inventários realizados na Justiça de Piracicaba nos anos de 1880, que também fazem parte do acervo do arquivo histórico do Centro Cultural Martha Watts. Esses documentos apresentam listas de todos os bens do falecido inventariado, incluindo os escravos. Em muitos casos, embora não em todos, os escravos arrolados são qualificados quanto à procedência (africano, crioulo), idade e, o que me interessava, profissão. Assim, essas fontes me permitiram recuperar as ocupações a que se dedicavam pelo menos parte dos escravos do município, ou seja, aqueles que foram listados nos inventários e cuja profissão foi indicada.

Os dados utilizados por mim, entretanto, não foram recolhidos diretamente dessas fontes, pois trabalhei com um banco de dados confeccionado por alunos do curso que, em trabalho anterior, os compilaram a partir da documentação consultada. O jornal Gazeta de Piracicaba, do mesmo período, também foi uma outra fonte utilizada. No jornal trabalhei com os anúncios de compra e venda de escravos e registros sobre a escravidão em Piracicaba.

A partir dessas fontes, procurei sistematizar um quadro de profissões que os escravos exerciam na cidade de Piracicaba, nos anos 1880.

4. Resultados

A maior parte dos escravos que trabalharam no Brasil desenvolveram atividades nas áreas rurais, realizando tarefas agrícolas. Em unidades açucareiras, os escravos também eram empregados na preparação do açúcar, o que demandava um saber bastante especializado. Na unidades rurais também havia serviços de conservação (de cercas, de estrada) que eram feitas por escravos. Algumas vezes, esses serviços eram realizados nos dias destinados ao descanso (domingos) e, nestes casos, podiam ser remunerados. Outra fonte de renda para os escravos rurais provinha do cultivo das roças de subsistência, pois essas roças representavam uma possibilidade de remuneração.

A historiografia que estuda a escravidão urbana no Brasil já foi profícua em mostrar a importância dos escravos para o funcionamento das cidades. Os escravos residentes na cidade trabalhavam principalmente como carregadores e vendedores. Muitos desses eram escravos chamados "de ganho", ou seja, seus senhores não exploravam seu trabalho diretamente; ao contrário, tais escravos desempenhavam autonomamente suas atividades e tinham a obrigação de entregar, ao final de um determinado período (em geral semanalmente), uma determinada quantia pré-ficada pelos senhor. Em várias cidades a prefeitura encarregava os escravos para tarefas como as de construção de ruas, de bombeiro, acendedor de lampiões, limpador de ruas.

Mary C. Karasch aponta a existência de cativos que exerciam ofícios bastante qualificados, como de fabricantes de jóias, sapateiros, marceneiros, costureiros.

A pesquisa dos dados de Piracicaba obtidos nos jornais e nos inventários dos anos 1880 demonstrou que as ocupações desempenhadas pelos escravos no município eram também bastante diversas e muitas vezes bastante qualificadas.

As profissões dos escravos de Piracicaba

Havia 174.622 escravos no estado de São Paulo no ano de 1882 . Campinas era a cidade com o maior número de escravos: 75.000. Em 1883, Campinas continuava na liderança com 15.427 escravos. Em segundo lugar, estava Bananal com 6.903 escravos. Piracicaba se encontrava na terceira posição com 5.663 cativos. Estas três cidades possuíam 27.993 escravos. Desse total, Campinas possuía 55%, Bananal 25% e Piracicaba 20%.

Para a década de oitenta do século XIX, encontramos 348 escravos nos inventários de Piracicaba. Destes, 219 (63%) eram homens e 129 (37%) eram mulheres. Desses 348 escravos, somente 231 tiveram a profissão mencionada nos inventários e estes constituirão o universo de análise deste trabalho. Dentro desse grupo, de 231 escravos com profissões declaradas nos inventários, encontramos 150 homens (65%) e 81mulheres (35%).

É interessante registrar que entre os escravos com profissão declarada foi praticamente mantida a proporcionalidade entre os sexos definida para a totalidade do conjunto dos escravos listados nos inventários.

Dentre as profissões dos escravos indicadas nos inventários, destacaram-se as seguintes.

1 - Escravos na lavoura

A lavoura era a principal atividade desempenhada pelos escravos do município de Piracicaba: dentre os 231 escravos com ocupações mencionadas nos inventários, 182 eram empregados na lavoura. Como grande produtora de açúcar e de café, a região extraía da lavoura a sua riqueza e essa característica certamente condicionou a predominância de escravos empregados no trato agrícola. Mesmo sendo um serviço

geralmente masculino, encontramos um número significativo de mulheres trabalhando na lavoura em Piracicaba: 48, dos escravos que exerciam essa profissão eram mulheres.

2- Escravos domésticos

Os inventários nos mostram que muitas profissões possuíam algum vínculo com as atividades relacionadas ao lar e como elas se confundiam. Entre as ocupações com estas características estavam as de criados, costureiras, mocambas, cozinheiros e pagens.

As mulheres compunham a maioria nesse universo do trabalho doméstico, mas mesmo assim encontramos homens exercendo essas funções.

3 - Profissões qualificadas

Os inventários registravam a presença de escravos exercendo profissões bastante qualificadas. Esta qualificação é reforçada pelo alto valor com que a maioria foi inventariada. Entre tais escravos, constava um pedreiro (800 mil réis), um "gramático" (1 conto e 400 mil réis) 3 carpinteiros (com preços entre 1 conto e 400 mil réis e 1 conto e 600 mil réis).

Apesar de terem sido aqui compilados somente os dados obtidos por meio dos inventários, consultas à *Gazeta de Piracicaba* da década de 1880 revelou a existência de escravos de Piracicaba que trabalhavam como padeiros, carpinteiros, maquinistas etc.

5. Considerações Finais

Considerações finais

A pesquisa realizada evidenciou que os escravos de Piracicaba, ao menos aqueles registrados nos inventários analisados, cumpriam em sua maioria ocupações agrícolas.

Mas a pesquisa evidenciou também que uma série de outras atividades eram desempenhadas pelos escravos. Dentre essas, algumas bastante qualificadas e que podiam render a tais cativos alguma remuneração de que eles se apropriassem para constituir seu pecúlio. Sidney Chalhoub e Mary C. Karasch indicam que as possibilidades de remuneração eram bastante significativas para escravos que desempenhavam várias atividades urbanas, desde as braçais até ofícios especializados, principalmente aqueles que eram escravos de ganho.

Mas os escravos urbanos não eram os únicos beneficiados por atividades remuneradas. Também aos escravos rurais, pela venda do excedente das roças de subsistência, pela remuneração recebida em tarefas específicas, podiam conseguir dinheiro, como nos mostra Stuart Schwartz.

Havia, certamente, várias maneiras de um escravo conseguir dinheiro para obter a alforria por meio das demandas judiciais nas Ações de Liberdade por exibição de pecúlio. Verificando as ocupações que os cativos exerciam, não podemos desprezar a hipótese de que o trabalho tenha sido um meio de o escravo constituir pecúlio. Enfim, de ter sido, o trabalho, um caminho para a liberdade.

Referências Bibliográficas

Chalhoub, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Cunha, Manuela Carneiro da. "Sobre os silêncios da lei: lei costumeira e positiva nas alforrias de escravos no Brasil do século XIX". In: *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 123 a 158.

Karasch, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000, pp. 263 a 264.

Mendonça, Joseli Maria Nunes. *Entre as mãos e os anéis – a Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult/Fapesp, 1999, p. 221.

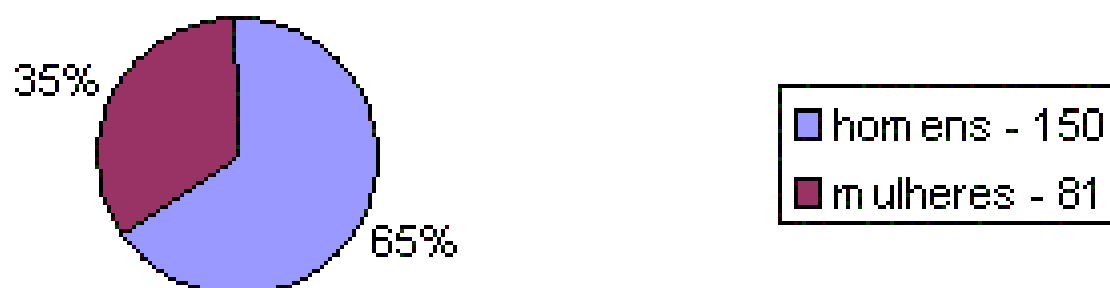
Schwartz, Stuart. "Segredos internos – trabalho escravo e vida escrava no Brasil". *História: Questões e Debates*, v.4, nº. 6, 1983, pp. 45 a 59.

Slenes, Robert W. *Na senzala, uma flor*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 70.

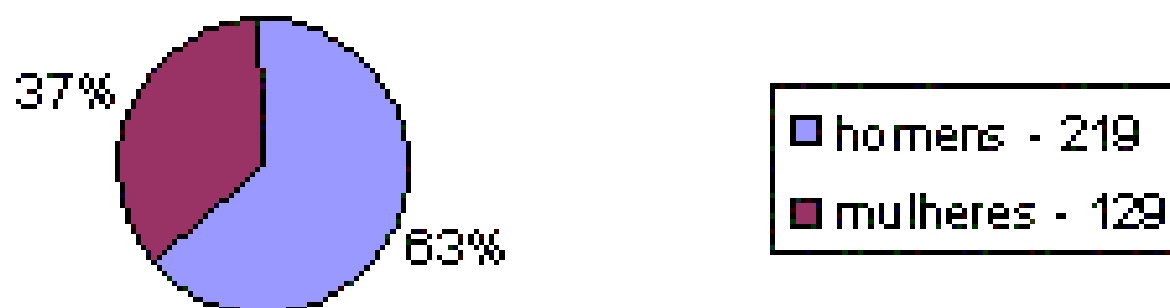
Soares, Luiz Carlos. "Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX". *Revista Brasileira de História*, v. 8, nº 16, 1988, pp. 107 a 142.

Anexos

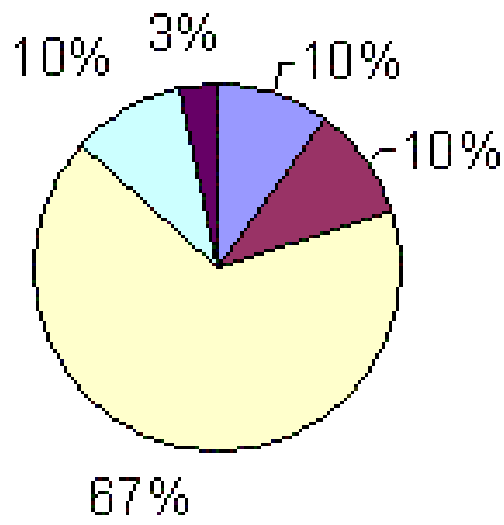
Escravos com profissões declaradas - 231



Escravos em Piracicaba



Profissões domésticas



■ costureiras - 3

■ moçambas - 3

■ cozinheiros 20

■ pagens - 3

■ serventes - 4